



Museu  
ao vivo

nº 44  
Ano 31  
junho/2022

O jornal online do Museu do Índio



#LIDDES  
DEVIDA

#SEXUALIDADE

#MEIO  
AMBIENTE

#DANCA

#LIBERDADE

#INOVACAO  
& CULTURA

#CRIADORES

## Museu do Índio participa da MuseumWeek

O Museu do Índio participou, entre os dias 13 e 19 de junho, da 9ª edição da MuseumWeek, evento internacional que conecta estabelecimentos artísticos do mundo todo pela internet. Ao todo, foram 7 publicações diárias sobre inovação e cultura, meio ambiente, sexualidade, liberdade, lições de vida, dança e personalidades indígenas marcantes da arte contemporânea, de acordo com o conceito do evento de "7 dias, 7 temas, 7 hashtags". [Confira na página 7](#)

saiba mais



## Arte e cultura Karajá em exposição na Nova Zelândia



A cerâmica figurativa Karajá, chamada ritxoko na fala feminina, é um dos principais atrativos da exposição “O Povo Iny do Brasil Central: vida e cultura retratadas em cerâmica e filme”, inaugurada no dia 3 de junho, no Museu Te Manawa, na cidade de Palmerston North, na Nova Zelândia.

O evento é resultado de uma parceria do Museu do Índio e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com as instituições neozelandesas Universidade Massey e Museu Te Manawa de Arte, Ciência e Patrimônio.

As ritxoko vêm despertando crescente admiração e interesse do público, especialmente depois de 2012, quando foram reconhecidas como patrimônio cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Elas são retratos tridimensionais da cultura Karajá e fazem referência a momentos importantes da vida das mulheres, como o casamento e o parto, e também a eventos cerimoniais e rituais.

Em cartaz até setembro, a mostra tem curadoria de Chang Whan, consultora e gestora científica do projeto de documentação de línguas e culturas (ProDoclin) do Museu do Índio.

As cerca de 90 peças figurativas foram produzidas por ceramistas Iny - como se auto-designam os Karajá - da aldeia Hawalò, situada na Ilha do Bananal, TI Parque do Araguaia. Na exposição, as peças estão agrupadas em quatro conjuntos temáticos: cenas do cotidiano; histórias e personagens sobrenaturais; animais da Ilha do Bananal; e eventos rituais.

A exposição conta também com fotos da curadora Chang Whan e um filme produzido por ocasião de uma mostra sobre a cerâmica Karajá, realizada em 2011, no Museu do Índio, resultado do projeto “Salvaguarda do Patrimônio Linguístico e Cultural de Povos Indígenas Transfronteiriços e de Recente Contato na Região Amazônica”. Trata-se de um acordo de cooperação técnica internacional firmado entre o Museu do Índio, a Agência Brasileira de Cooperação, e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que visa a documentação de línguas e culturas dos povos originários, e a formação de pesquisadores indígenas.

**THE INY PEOPLE OF CENTRAL BRAZIL**  
Life and culture through ceramics and film

Nau Mai, Haere Mai, Bem-vindos

Friday 3 June | Rāmere 3 Pipiri  
5pm in the Art Gallery

Te Manawa Museum of Art, Science and Heritage invites you to attend the opening of this exhibition that provides a touchstone to the culture of the Iny people. Made possible by Museu do Índio in Rio de Janeiro, Brazil and Massey University in collaboration with Te Manawa.

Please RSVP to [events@temanawa.co.nz](mailto:events@temanawa.co.nz) by Thursday 26 May 2022

MUSEUM OF ART, SCIENCE AND HERITAGE | TEMANAWA.NZ ●●● 0900-8-A-MUSEUM

saiba mais



## Entrevista

### Confira a entrevista com Chang Whan



Foto: Chang Whan (direita) e artista indígena local na aldeia Hawalò, conhecida como Santa Isabel do Morro, na Ilha do Bananal, TI Parque do Araguaia (TO)

Nessa entrevista, a curadora Chang Whan conta mais detalhes sobre o evento, as peças selecionadas e seu significado para a cultura Karajá.

**Como surgiu a proposta da exposição no Museu Te Manawa de Arte, Ciência e Patrimônio? Qual a participação do Museu do Índio?**

Essa exposição é resultado de uma parceria do Museu do Índio e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com a Universidade Massey e o Museu Te Manawa de Arte, Ciência e Patrimônio da Nova Zelândia.

O convite para a exposição surgiu após uma série de atividades que vêm sendo realizadas desde 2018, envolvendo visitas e intercâmbios de alunos e professores das universidades brasileira e neozelandesa, entre elas a vinda de duas professoras Māori, povo nativo da Nova Zelândia, ao Brasil.

Durante essas interações, a comitiva Māori manifestou interesse em estabelecer uma parceria com o Museu do Índio, e foram desenvolvidas várias ações. Entre elas, uma visita que fizemos à Nova Zelândia para conhecermos de perto a metodologia dos Ninhos de Língua Māori, considerada uma das iniciativas mais bem sucedidas no mundo na revitalização de línguas em perigo de extinção.

Os ninhos de língua promovem a interação regular e natural de crianças em fase de aquisição de linguagem com cuidadores e professores em ambientes de imersão na língua alvo. Tivemos a oportunidade de conhecer vários Ninhos de Língua, chamados de Kohanga Reo, grandes e pequenos, bem como museus de história natural e cultural, como o Te Papa em Wellington e o Te Manawa em Palmerston North.

Nessa ida à Nova Zelândia, eu havia levado um catálogo da exposição sobre cerâmica indígena Karajá, que realizamos no Museu do Índio em 2011, com apoio do Projeto Unesco. O diretor do Museu Te Manawa, na época, se interessou e começamos a desenvolver um projeto que contemplou a aquisição de uma coleção de cerâmica figurativa Karajá diretamente das ceramistas da aldeia de Hawalò, também conhecida como Santa Isabel do Morro, situada na Ilha do Bananal, Terra Indígena Parque do Araguaia, no estado de Tocantins. O intuito era de apoiar o trabalho das ceramistas e promover a arte indígena brasileira.

**Como foi feita a seleção das peças?**

O Museu Te Manawa me convidou para fazer a curadoria da exposição porque há mais de 20 anos desenvolvo um trabalho com os Karajá, trabalhando com temas como arte, cultura material e língua.

A cerâmica figurativa é um dos aspectos da cultura Karajá que tem despertado grande interesse de pesquisadores e do público em geral, tendo sido reconhecida como patrimônio cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 2012. Realizei uma viagem às aldeias Karajá na ilha do Bananal, onde selecionei e comprei uma coleção de cerca de 100 peças de tamanhos diversos, produzidas por diferentes ceramistas. De uma cidade próxima, São Félix do Araguaia, empacotei e despachei a coleção para Nova Zelândia. Porém, lamentavelmente, durante o transporte, algumas delas se quebraram, especialmente as maiores, que são mais frágeis.

Dentre as peças da coleção, algumas têm duplicatas, que serão disponibilizadas para venda. Os visitantes que se interessarem poderão reservá-las e adquiri-las ao final da mostra.

### Quais os principais aspectos da vida e cultura Karajá são abordados na exposição?

A produção de cerâmica figurativa Karajá, chamada ritxoko na fala feminina Karajá, pode ser vista como retratos tridimensionais da cultura, das tradições, e dos momentos importantes da vida Karajá, como o casamento e o parto, e da fauna da Ilha do Bananal. Também fazem referência a eventos cerimoniais e rituais, como a festa da Casa Grande (Hetohoký), quando os meninos são iniciados na vida adulta dos Iny; aos mitos e cenas de narrativas da tradição oral, a exemplo dos ijasò, os sobrenaturais que regularmente visitam as aldeias por vários meses, vindos da mata, do céu, e das águas dos rios e dos lagos.

### Qual a importância das ritxoko para o conhecimento e valorização da cultura da etnia?

A cerâmica figurativa Karajá vem despertando crescente admiração e interesse do público, o que têm estimulado a produção com vistas à comercialização. Assim, além de ajudar a disseminar e valorizar a cultura Iny, as ritxoko representam significativa fonte de renda e prestígio para as ceramistas.

### Quantas são e que tipo de peças (etnográficas e documentais) compõe a mostra?

A exposição conta com cerca de 90 peças de cerâmica figurativas, organizadas em quatro conjuntos temáticos: cenas do cotidiano; histórias e personagens sobrenaturais; eventos rituais; e fauna da Ilha do Bananal;

Para a exposição no Te Manawa, além das peças cerâmica, selecionei fotos e o vídeo "Ritxoko - Cerâmica Karajá (TO)", produzidos por ocasião de uma exposição sobre a cerâmica indígena Karajá, realizada em 2011 no Museu do Índio com apoio do projeto "Salvaguarda do Patrimônio Linguístico e Cultural de Povos Indígenas Transfronteiriços e de Recente Contato na Região Amazônica", uma parceria entre o Museu do Índio, a Agência Brasileira de Cooperação, e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

As fotos selecionadas foram ampliadas, painéis de textos foram produzidos em inglês e fizemos a legendagem do filme, que mostra cenas do cotidiano das aldeias e apresenta estágios do processo de produção das peças cerâmicas. O vídeo pode ser assistido em português no Canal do Museu do Índio no Youtube. [Clique aqui e assista.](#)

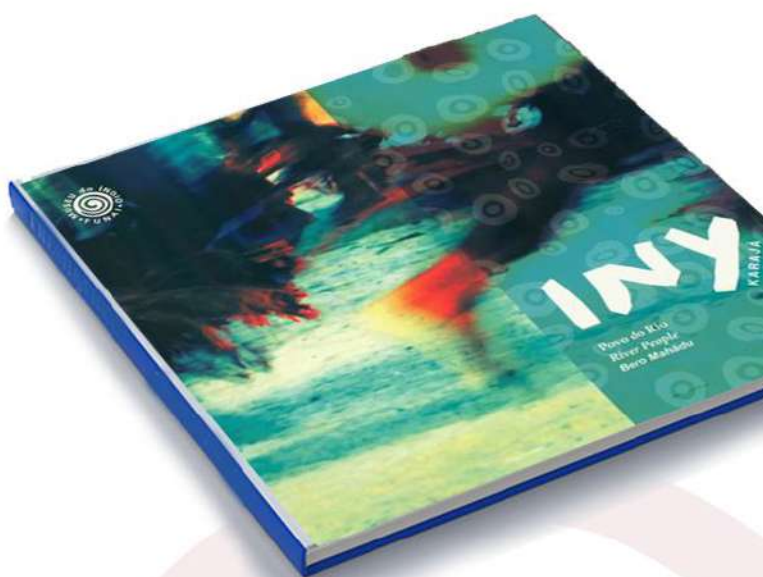
Na sua avaliação, o que faz com que os Karajá consigam preservar suas heranças culturais e suas línguas, tendo em vista que mantêm contato com a sociedade nacional há mais de dois séculos?

Um dos principais fatores é, a meu ver, a manutenção das práticas cerimoniais e rituais cíclicas, que reiteram e reafirmam a cosmovisão e a espiritualidade Iny. O equilíbrio entre os três níveis do mundo Iny - o celestial, o terreno e o subaquático - é desse modo mantido e preservado, para o bem de todos os seres, Iny ou uma legião de espíritos que habitam esses níveis.

Há que se registrar também que todas as crianças Karajá da Terra Indígena (TI) Parque do Araguaia, situada na Ilha do Bananal, no Tocantins, aprendem a língua Karajá, o Inyrybè, como sua língua materna. São as mulheres as responsáveis pela sua transmissão e manutenção nas comunidades Karajá. O fato de a TI estar homologada desde 1998 também é um fator fundamental para o fortalecimento da etnia. Um território em conflito fragiliza os povos indígenas e coloca em risco sua língua e cultura.

### Por que levar a cultura Karajá para a Nova Zelândia? Quais os atrativos da exposição para o povo neozelandês?

A Nova Zelândia é um país longe de tudo. Os Kiwi, como são chamados os neozelandeses, têm uma grande curiosidade e interesse em conhecer as culturas dos outros povos, e em tempos de globalização, em especial os "exóticos" povos originários da América do Sul. Essa exposição é mais uma forma de aproximação com Brasil. O interesse por nossa cultura já havia levado à criação do primeiro curso de português como segunda língua na Nova Zelândia, resultado do projeto de cooperação entre a UFRJ e a Universidade Massey.



Acesse aqui o catálogo da exposição de 2011 que inspirou a mostra inaugurada na Nova Zelândia.

E NÃO PÁRA POR AÍ...

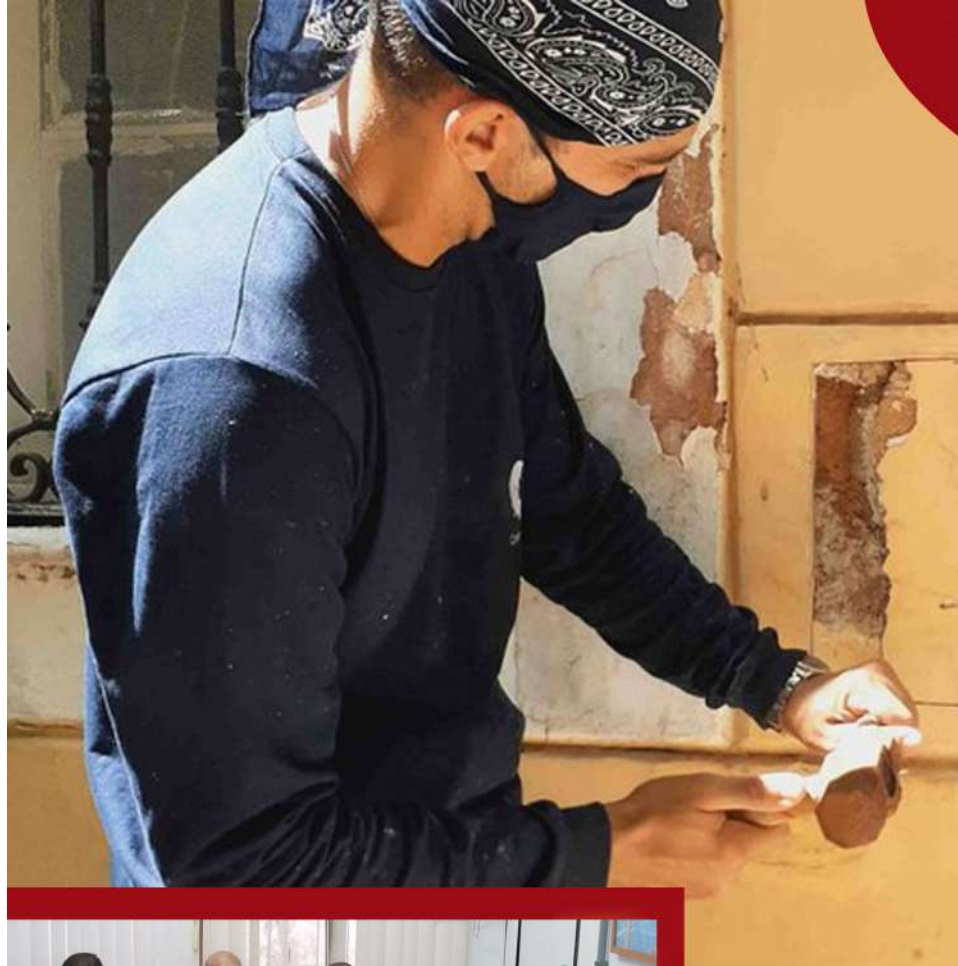
Peças do acervo do Museu do Índio poderão ser vistas em **exposição no MAM**

O Museu de Arte Moderna (MAM Rio) realizará, com a colaboração do Museu do Índio (MI), entre os dias 9 de julho e 27 de novembro, a exposição *Nakoada: estratégias para arte moderna*. A iniciativa celebra o marco do centenário da Semana de Arte Moderna, e pretende se somar às atuais discussões que visam revisão histórica acerca dos discursos de legitimação e centralidade de um ideal modernista no país, cuja construção insiste na invisibilidade de pessoas, criações e narrativas localizadas fora dos grandes centros e originárias de outras visões de mundo.

Para compor a exposição, o MI emprestou **37 obras de seu acervo etnográfico**, dentre elas bonecas Karajá, placas Baniwa, potes e tigelas de diversas etnias como Marubo e Maku.



# Segurança e infraestrutura



O Museu do Índio lançou, em seu canal do Youtube, o segundo episódio da série **Museu na Obra**. A iniciativa tem como objetivo informar o público sobre o andamento das obras que estão sendo realizadas no órgão visando garantir a segurança dos visitantes, funcionários e dos mais de 100 mil itens do acervo abrigados nas oito reservas técnicas existentes.

O segundo episódio aborda a fase preliminar das intervenções planejadas para a reforma e o restauro do casarão central, que teve início em fevereiro.

Denominada identificação e conhecimento do bem, a etapa é uma exigência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Iphan, para a elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural, e contou com a realização de estudos necessários para a elaboração de um diagnóstico do espaço.

[saiba mais](#)



Foto: Reunião com a equipe responsável pela finalização das obras de incêndio

O Museu continua investindo em segurança. No último mês, o órgão deu início à etapa final da obra de elétrica.

Já em relação à obra de prevenção de incêndio, foi realizada reunião com a equipe que fará a conclusão das obras e dará entrada à documentação necessária para a aprovação do projeto executado pelo Corpo de Bombeiros.

Além disso, ainda em maio, um grupo de quatro brigadistas foi contratado para reforçar a segurança do órgão, com atuação ininterrupta. Esses são passos fundamentais para a reabertura do museu.

Reabertura do Museu do Índio é prioridade para a Funai

[saiba mais](#)

Relançada série "Viver, lutar - O modo de ser Guarani"

[saiba mais](#)

Projeto Conversas para Formação Continuada tem início

[saiba mais](#)

A 9ª edição da MuseumWeek trouxe o tema “**Cultura, sociedade e inovação**”. Com essa abordagem, o Museu do Índio apresentou temas relacionados à questão indígena que estimulam a percepção do público conectado, compartilhando conteúdos históricos, científicos e artísticos, adaptados à era digital. A seguir, você verá alguns exemplos do conteúdo publicado. **Clique e confira todas as publicações.**

## #inovação & cultura



**#inovação & cultura**

A plataforma **Japiim** é um dos produtos dos projetos de documentação linguística realizados pelo Museu do Índio em parceria com a Unesco, que possibilita a consulta e construção colaborativa de dicionários multilinguagem de línguas indígenas.

Ela disponibiliza informações de grande utilidade para pesquisadores e demais interessados na área, contribuindo para a salvaguarda e revitalização de línguas indígenas.

Acesse o Japiim e saiba mais: [japiim.museudoindio.gov.br](http://japiim.museudoindio.gov.br)

## #criadores



**#CRIADORES**

**DENILSON BANIIWA**

Denilson Baniwa é um dos artistas contemporâneos brasileiros mais importantes da atualidade. O indígena, curador, designer, ilustrador, comunicador e ativista dos direitos indígenas é um artista antropólogo, pois apropria-se de linguagens ocidentais para descolonizá-las em sua obra. Em sua trajetória, consolida-se como referência, rompendo paradigmas e abrindo caminhos ao protagonismo dos Povos Indígenas no Brasil.

Saiba mais sobre o trabalho de Denilson: [behance.net/denilsonbaniwa](https://www.behance.net/denilsonbaniwa)

## #liberdade



**#LIBERDADE**

**Índio é tudo preguiçoso**

Os povos Indígenas possuem suas formas tradicionais de trabalhar com a terra e de produzir. Os modos de produção de muitos deles não correspondem aos padrões econômicos dominantes, voltados para a acumulação e o lucro, pois sua relação com a terra é diferente. Isso não quer dizer que eles sejam preguiçosos ou não saibam produzir. A sustentabilidade de seu modo de vida depende do equilíbrio entre a ação do homem e a preservação do meio ambiente e, para atingir isso, é necessário muito trabalho e sabedoria.

Foto: Manuel Tstwario Xavante, representante do Brasil nos Jogos Pan-americanos e Sul-Americano de Cross Country

## #sexualidade



Ao longo de toda a história do Brasil a nudez indígena, especialmente das mulheres, sempre foi mal interpretada e sexualizada a partir dos parâmetros da sociedade ocidental. A nudez foi tratada com espanto, e os povos originários vistos como impuros e recriminados.

**#sexualidade**

## #meioambiente



Mais de 98% das terras indígenas brasileiras concentram-se na Amazônia Legal, funcionando como uma das principais barreiras ao avanço do desmatamento na região.

Até hoje, apenas 2,5% da área total das Terras Indígenas na Amazônia foi desmatada, sendo as áreas mais bem preservadas e com algumas das mais altas taxas de diversidade biológica da região.

**#Meio Ambiente**

## #liçõesdevida



**#lições de vida**

Nossa sobrevivência depende da transmissão do saber indígena de uma geração para a outra além de se murir da cultura do colonizador para fazê-lo entender que temos o direito de sermos diferentes. Não é o fato de nossas culturas serem antigas que nos impede de ser contemporâneos. **Daiara Tukano**

Saiba mais sobre o trabalho de Daiara: [daiaritukano.com/](http://daiaritukano.com/)

## #dança



**#Cultura**

A edição de 2022 se concentrou em dois universos que merecem e precisam de investimento. O primeiro é o das instituições culturais e as funções que elas devem exercer hoje, o papel da tecnologia nessas mudanças e sua influência sobre o público conectado, assim como os usos que os museus podem fazer dessa nova realidade. O segundo universo é o da criação, focada na visão do artista que não depende das galerias e em como os papéis de ambos irão se transformar.

O Centro Cultural Ikuiapá (CCI) unidade descentralizada do Museu do Índio localizada em Cuiabá (MT) realizou, em maio, o Encontro com Educadores.

A iniciativa teve como público-alvo profissionais da rede de ensino público de Mato Grosso e surgiu como medida para suprir a demanda dos profissionais de educação por informações qualificadas e sistematizadas sobre as populações indígenas do Brasil. O objetivo é que, dessa forma, se promova o protagonismo dos povos originários, promovendo contratações específicas de educadores e artistas indígenas para atuarem em projetos que tenham como escopo ampliar a consciência sobre a importância das etnias e conhecimentos tradicionais.

O CCI também busca, com os encontros, contribuir para o enfrentamento da discriminação dos indígenas, auxiliando a aplicação, nas escolas, da Lei 11.645, de 2008, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

## Encontro com educadores

4 a 11 maio

19h às 20h30

Faça sua inscrição!



## CAUD e CCI



Izailton Karajá e Rafaella Karajá, integrantes da Associação Iny Mahadu, que representa os povos indígenas Karajá (Iny) da Terra Indígena Ilha do Bananal, visitaram, em maio, o Centro Audiovisual de Goiânia (CAUD), unidade descentralizada do Museu do Índio. Eles foram recebidos pelo chefe do Centro, Thiago Ikeda Araújo, pelo servidor Marcelo Gonçalves e pelo chefe da Coordenação Técnica Local da Funai em Goiânia, Rogério Borges.

Os representantes indígenas conheceram as instalações do Centro e informaram sobre a intenção de criar uma rede de comunicadores audiovisuais da etnia Karajá. O objetivo é formar jovens, entre 12 e 40 anos, de cada uma das 31 aldeias da terra indígena e estimular a criação de conexões informativas entre elas, visando facilitar a interlocução com outras aldeias, entidades e o poder público, e contribuir para preservação da cultura.

Na ocasião, os indígenas propuseram o estabelecimento de uma parceria com o Centro para criação da rede de comunicadores. O CAUD oferecerá espaço físico, equipamentos e conhecimentos para capacitação dos comunicadores indígenas Karajá e, em contrapartida, a associação Iny Mahadu oferecerá oficinas para indígenas de outras etnias.



# 20ª Semana Nacional de Museus

O Museu do Índio (MI), órgão científico-cultural vinculado à Fundação Nacional do Índio (Funai), lançará, entre 16 e 20 de maio, uma programação especial para a vigésima Semana Nacional de Museus. Com o tema Arte Indígena no Museu: das aldeias para o mundo, a iniciativa contará com uma série de cinco vídeos que mostrarão ao público como objetos de diferentes culturas indígenas chegam ao MI e, assim, tornam-se instrumentos para chamar a atenção não só para as tradições dessas etnias, mas também para os seus direitos e a importância da vida desses cidadãos em nosso país.

Promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), o evento desse ano traz o tema: O Poder dos Museus. Segundo o instituto, “o Poder dos Museus está presente em suas ações de pesquisa, preservação, conservação, educação, comunicação, ação cultural, gestão, inovação tecnológica, cumprimento de suas funções sociais e criação de repertórios para o futuro. Os museus são construtores de futuro e por isso são poderosos”.

## Episódios

O subtema escolhido pelo MI complementa o tema lançado pelo Ibram, e contou com um trabalho realizado em conjunto com todos os servidores do MI, usando imagens do acervo do órgão, e também produzindo imagens e entrevistas inéditas, o que mostra que, além do Poder dos Museus, existe também o poder e o empenho daqueles que trabalham para que um museu cumpra sua função da melhor maneira possível.

saiba mais



21 2536-4003 / comunicacao@museudoindio.gov.br



/museudoindiorj



gov.br/museudoindio

Acesse nossos canais